

FESTEJOS A SANTO ANTONIO DO ARGOIM: UMA LEITURA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA E SEUS MISTÉRIOS.

Girley Oliveira dos Santos¹

Resumo: O presente artigo pretende fazer um estudo histórico sobre os festejos de Santo Antonio no povoado do Argoim, nas décadas de 1970 e 1980 do século XX, através de suas imagens, que em muito revelam sobre as experiências de vida da população. Dessa forma, estas ilustrações nos permitem analisar, os elementos da cultura local, bem como visualizar o contexto social e religioso da referida época. Como a fotografia além de ser utilizada como fonte pode ser tratada como exercício de memória, usaremos também alguns depoimentos de fontes orais para o enriquecimento de nosso trabalho e assim poder desvendar os mistérios captados pelas lentes curiosas do/dos fotógrafo/os.

Palavras - chave: fotografia; cultura; festejos.

A devoção a Santo Antonio do Argoim teria se iniciado durante o período colonial, entre os anos de 1650 a 1700, quando um português chamado Antonio, teria construído na fazenda Olhos D'Água, uma capela na para entronizar ao santo. No seu entorno, teriam surgido as primeiras casas que deram origem ao povoado. ²Então, a devoção ao santo nesta localidade surge juntamente com a gênese do lugar, e mais tarde configurando a tradicional festa de Santo Antonio do Argoim.

Segundo informações fornecidas pelo site do IBGE, o referido povoado teria sido elevado à categoria de freguesia,

(...) através da Lei Provincial nº 1588 de 13 de agosto de 1875, assinada pelo Vice-Presidente da Província da Bahia, Dr. José Eduardo Freire de Carvalho, surgindo desse modo a Paróquia de Santo Antonio do Argoim e também o arraial com o mesmo nome grafado (Arquim). Alguns anos depois a freguesia foi anexada a Castro Alves, porém não desapareceu, mas conservou sua condição de freguesia. ³

Assim, podemos perceber que o Argoim, mesmo tendo sido elevado a categoria de freguesia, estaria submetido ao povoado de Castro Alves. Entretanto, um plebiscito realizado em 25 de novembro de 1984, no qual fora decidido que o distrito de Paratigi (Rafael Jambeiro), que também pertencia ao município de Castro Alves seria emancipado. “Com a emancipação política de Paratigi que passará a se chamar Rafael

Jambeiro e sua territorialidade abrangeria também a área que compreendia o distrito de Argoim, que passou a fazer parte do município recém-criado”.⁴

O povoado do Argoim encontra-se situado no município de Rafael Jambeiro, que faz limite com os municípios de Ipirá, Ipacaetá, Santo Estevão, Castro Alves, Santa Terezinha e Itatim. Como mostra o mapa abaixo.

**FIGURA 02 – MUNICÍPIO DE RAFAEL JAMBEIRO
e MUNICÍPIOS CIRCUNVIZINHOS**

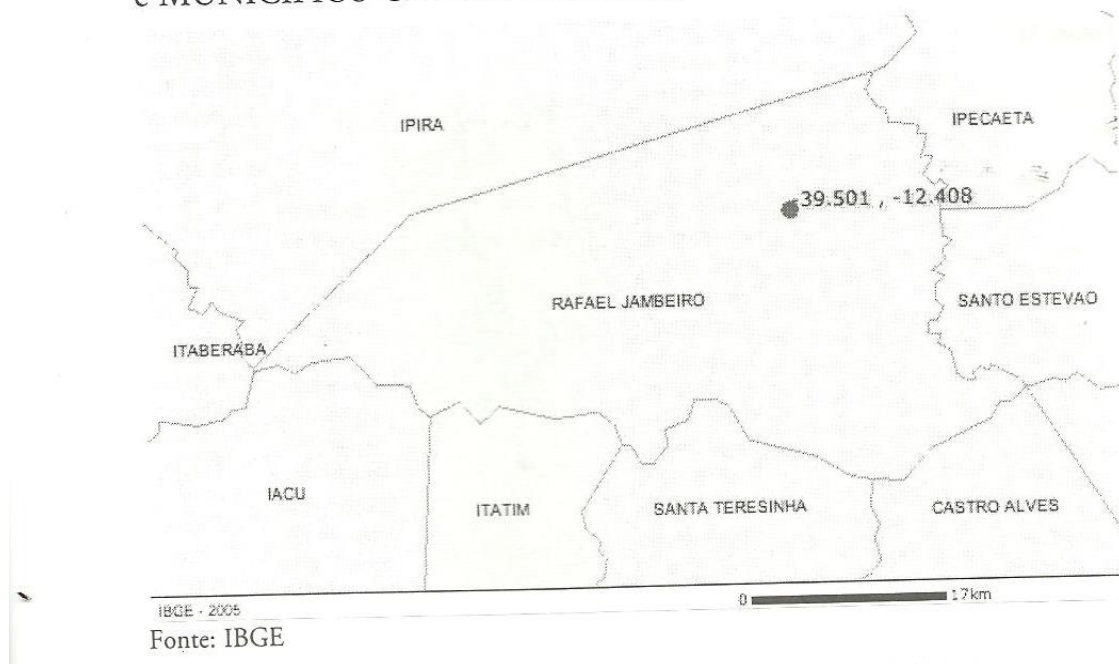


Imagem n.º 01: Mapa da divisão de limites do município de Rafael Jambeiro.⁵

As explicações acima têm o intuito de situar o leitor, tanto historicamente como geograficamente, dentro do contexto a ser abordado, pois tratar-se de uma região agro pastoril, pouco conhecida. E como nossa pesquisa tem a intenção de dissertar sobre a cultura religiosa que se desenvolveu dentro de uma localidade rural. É importante que nossos leitores obtenham informações sobre o referido povoado.

Este artigo é o resultado parcial, da pesquisa que estamos a desenvolver, como trabalho de conclusão de curso (TCC) e como estamos trabalhando com fonte oral, utilizaremos de algumas falas que foram colhidas, nos depoimentos de alguns dos nossos entrevistados. E como recorte temporal, escolhemos as décadas de 1970 e 1980, por conta das fotos, ou seja, das imagens adquiridas e das informações obtidas através das fontes orais.

As festas ou festejos de santos são atividades muito comuns no Brasil, principalmente nas regiões rurais. Esta tradição de devoção a santos se iniciou na Idade Média, com a ascensão da escrita hagiográfica, que tinha como objetivo, escrever a história dos santos e santas e assim, perpetuar através dos tempos, suas histórias de vida, que serviriam de modelo a ser imitado pela cristandade.⁶

Dessa forma, temos como matriz, uma cultura medieval, que se ressignifica com elementos locais, quando um determinado povo se apropria desses cultos, e assim, essas festas compõem e recompõem as representações que homens e mulheres, habitantes do meio rural e de pequenas cidades do interior do país, possuem sobre seus santos e santas de devoção.⁷

Compreendemos então, que mesmo fazendo um estudo, sobre os aspectos conferidos a história local, não podemos deixar de sublinhar os elementos culturais que fazem intercessão entre as demais localidades do Brasil que festejam santos e santas, e sobretudo, buscar sua raiz na Europa Medieval. Assim podemos perceber que o local e regional, não podem dentro da perspectiva histórica, ser estudados de forma separada do todo, pois existem elementos evocam a similitudes, reforçando a ideia de aprofundarmos os estudos sobre as minorias. E dessa forma Elivaldo de Jesus afirma que: “A nosso ver, a história da “gente da roça” roga, a todos os santos e santas, para ser escrita e é difícil compreender as razões deste esquecimento ou resistência por parte dos historiadores”.⁸

E com base nos autores que aqui citamos, procuraremos escrever sobre a festa de Santo Antonio do Argoim, um festejo que tem a duração de 13 dias, o chamado trezenário, que segundo Frei Basílio Rower teria surgido da seguinte forma:

S. Antonio morreu no dia 13 de junho, seu corpo foi trasladado para Santa Maria numa terça-feira. Em comemoração destas datas faz-se a trezena de orações para pedir sua intercessão. As terças-feiras podem ser seguidas ou também as primeiras terças-feiras de treze meses. Mas vale também começar em qualquer dia e continuar durante treze dias. As orações são de livre escolha.⁹

Se na Europa o sentido das trezenas, teria a intenção de pedir pela intercessão de Santo Antonio, nas demais localidades do Brasil. E, mas precisamente no Argoim, o trezenário assumiria um caráter religioso, como manda os costumes da Santa Madre Igreja, adotando também um caráter festivo.

E dentro dessa variedade que se (re) configura o catolicismo popular, os festejos a Santo Antonio do Argoim, se iniciavam com as noites de trezenas, nas quais os habitantes daquela região reuniam-se na Igreja em orações e cânticos, rendendo homenagens ao padroeiro local, e reservavam ao dia 13 uma programação muito diversificada de atividades. Sendo estas: Alvoradas, missa, “saída com a toalha”, batizados, procissões, leilão e baile. O último dia de festa, contava sempre com a presença de uma filarmônica. Segundo nossos depoentes, estas orquestras que sempre compareciam ao Argoim para os festejos de Santo Antonio, eram as filarmônicas Bonfim originaria da cidade de Castro Alves e a Lira Itaberabense da cidade de Itaberaba.

Mesmo sendo a fotografia uma tecnologia pouco acessível para as populações das zonas rurais, na referida época, é possível encontrar alguns registros dos quais utilizaremos neste texto.

A primeira trata-se de uma imagem dos músicos da orquestra filarmônica Lira Itaberabense.



Imagem n.02. Filarmônica Lira Itaberabense, na Praça do Argoim, Acervo do Sr. Antonio Cunha de Oliveira. 1987.

Vejamos as informações que podemos obter dessa imagem, no que diz respeito ao seu conteúdo e expressão. Observemos que apesar de ser uma imagem colorida, encontra-se desbotada, por conta da ação do tempo. Essa fotografia, assim como a próxima a ser analisada, deve ter sido retirada, muito provavelmente por um fotógrafo amador, um ex-

morador do povoado, que retornou ao Argoim para a Festa de Santo Antonio e fotografou os músicos. Segundo Kassoy:

O produto final, a fotografia, é portanto resultante da ação do homem, o fotografo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia.¹⁰

Então podemos, perceber aqui, que a escolha do fotografo foi demarcar em sua lente, o espaço que compreendia os músicos, com isso, ele criou um mecanismo de linguagem visual, que nos permite as mais variadas interpretações.

Ao analisar a posição dos músicos, podemos perceber que estes não estão tocando, mas encontram-se fardados e devidamente enfileirados portando os seus instrumentos, isso pode caracterizar talvez, o início ou o término da apresentação. Como nossos entrevistados afirmaram que a filarmônica, se apresentava em dois momentos durante o festejo, sendo eles: a saída com a toalha e o baile. Sendo que respectivamente estes aconteciam dia e noite, podemos inferir que este momento registrado na foto, trata-se da “Saída com a toalha”, por ser dia e os músicos estarem na rua.

A intencionalidade empregada em uma fotografia, pode se assemelhar ao processo de escrita, isso quando um autor seleciona as palavras, com as quais o mesmo irá construir um texto, neste caso aqui, o fotografo seleciona e capta a imagem, que mais lhe interessou no momento. E é através dessa escolha protagonizada pelo fotógrafo, podemos ler as mensagens que estão imbuídas na imagem. De acordo com Mauad,

Na qualidade de texto, que pressupõe competências para a sua produção e leitura, a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois seguimentos: expressão e conteúdo. O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor etc. Já o segundo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia, sendo possível separá-los para fins de análise, mas compreendê-los, como um todo integrado.¹¹

Além, disso o ato de fotografar um momento como este, pode ser a recordação, um exercício de memória, ou seja, a possibilidade de registrar uma imagem, que posteriormente ao observá-la, relembrar o tempo vivido. De acordo com Bosi:

(...) uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com o poder de difusão, que se alimenta, de imagens, sentimento, idéias e valores que dão identidade aquela classe.¹²

Um conjunto de fatores, que caracterizam a identidade de uma classe, podem estar meramente ligados a memória coletiva, construída através de imagens que apresentam significados comuns a uma população.

A saída com a toalha tratava-se de um movimento festivo, que ocorria após a missa, quando as moças pegavam uma toalha e saíam nas ruas, com o intuito de arrecadar dinheiro para cobrir as despesas dos festejos cantando acompanhadas pela Lira Itaberabense.

Dona Maria Lúcia Sampaio de Oliveira, 64 anos, moradora do Argoim, nos recebeu gentilmente em sua residência e falou sobre a saída com a toalha:

Depois terminava a missa, tinha a a tualha. A gente pegava, até eu já participei muitas vezes, uma tualha branca qui sempre era branca na Igreja e saia, uma tualha grande, (...) e saia cinco ou seis moças, sigurando uma em cada ponta da tualha, e a filarmônica acompanhava (...).¹³

Dona Maria Lúcia traz informações sobre a saída com a toalha, um movimento de arrecadação de fundos para cobrir as despesas da festa do qual a, mesma afirma ter participado e ainda acrescenta “Então saía cantando e tocando a gente como qui tivesse quereno dançar também, então ia de casa em casa.”¹⁴ Pelo comentário da depoente a saída com a toalha era um movimento bastante animado. “A memória e, sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, contado pela cultura e pelo individuo.”¹⁵

Dessa forma, podemos aliar as informações fornecidas por dona Maria Lúcia a leitura que fizemos da imagem, e perceberemos a cultura vivenciada por aquele povo através da imagem e da oralidade, como instrumentos da memória.

Como pano de fundo da fotografia, podemos ver que os músicos se encontram numa rua com alguns casebres de adobe, de telhado envelhecido e com portas e janelas rústicas, que contrastam com o poste de luz e a fiação elétrica. Quando olhamos para o chão, vemos também que não existe calçamento. Ou seja, a impressão que a fotografia nos dá é que o traço mais visível de modernidade local é a energia elétrica. Outro ponto a ser destacado, são as paredes das casas onde estão colados alguns cartazes de propaganda política, denotando que trata-se de um ano de eleição. Cardoso e Mauad nos dizem que:

(...) a fotografia integra um sistema s gnico não verbal que pode ser compreendido através de um duplo ponto de vista: enquanto artefato produzido pelo homem e que possui uma existência aut noma como relíquia, lembrança etc.; enquanto mensagem que transmite significados relativos   própria composi o da mensagem fotográfica.¹⁶

Dessa forma, ao lermos a fotografia, conseguimos absorver informa es sobre elementos e que estavam em voga naquela época, como uma mensagem não verbal, mas repleta de significados

Quanto a imagem do céu, a forma o das nuvens e o sol ameno, da impressão de se tratar de uma manhã de inverno, e   justamente na primeira quinzena do mês de junho que são realizados os festejos a santo Antonio, período regido pela esta o já mencionada . A imagem que acabamos de analisar   referente ao ano de 1987. Pois ao lado direito da foto podemos observar o número 87. Tratando assim de um dos acontecimentos relacionados aos festejos de Santo Antonio ocorridos neste ano.

A outra imagem a ser analisada, ao que tudo indica, trata-se da procissão.



Imagem n. 03: Fi s na procissão de Santo Antonio, na Praça do Argiom, Acervo do Sr. Antonio Cunha de Oliveira. S/D.

A qualidade desta imagem nos oferece a impressão de ser mais antiga que a analisada anteriormente, isso devido a imagem se encontrar mais desbotada, além do vestuário das pessoas e a ausência de elementos que mostrem a existência de eletricidade no local,

tais como poste ou fiação em frete a Igreja. Pois segundo Renato Costa Rebouças 80 anos, morador do povoado do Paraguaçu, um senhor muito simpático que nos recebeu alegremente em sua residência: “(...) quando foi em 1975, foi qui surgiu a energia no Argoim, ralizada pelo seu Miranda, da (...) Santa Rita. Então ele puxou, esta rede de Castro Alves, pra a fazenda dele, e ai agora se botou pro Argoim.”¹⁷

Esta informação do senhor Renato, faz-nos descobrir que a energia elétrica só chegaria ao povoado do Argoim, após o senhor Miranda, ter eletrificado a fazenda de sua propriedade. Com isso, podemos perceber que a foto fora feita, antes de 1975, pela ausência de elementos que sugiram a presença da eletrificação, no povoado.

Nesta foto, podemos ver fiéis acompanhando a procissão, os que vão à frente e estão mais próximos ao Santo são homens, excetuando-se apenas uma menina à direita, mas esta aparece por trás dos homens. A quantidade de pessoas do sexo masculino na parte frontal da procissão poderia estar ligado à responsabilidade de carregar a charola, por se tratar de uma atividade que exigia força física, e os demais que os acompanhavam, estariam ali por perto, para se revezarem enquanto carregavam o santo. Outro aspecto a ser observado é o vestuário, uma vez que a maioria dos homens, sobretudo, os que estão carregando a charola, estão de terno. O que pode caracterizar uma forma de demarcação social. Pois conseguimos observar somente os homens que estão “bem vestidos” estão carregando a imagem. Podemos imaginar que talvez carregar a charola, fosse algo reservado as pessoas que detinham um maior poder aquisitivo. Ou o fato, de estar à frente, ocupando uma posição de maior visibilidade, estivesse resguardada a pessoas que estivessem bem vestidas. Ao lado esquerdo há um homem de camisa branca que parece estar conversando com, o rapaz que esta carregando a charola, talvez numa tentativa de convencê-lo a deixar-lo também carregar o santo. Ainda sobre a questão do vestuário, podemos perceber que a forma como estas pessoas estão vestidas, são características dos anos 1970.

A imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. Nesse sentido a fotografia será tomada como índice e uma época, revelando, com riqueza de detalhes, aspectos da arquitetura, indumentária, (...) iluminação, se a imagem for rural, tipo de mão-de-obra, meios de produção instalações diversas... Uma leitura que ultrapasse a avaliação da fotografia como mera ilustração, contudo, ainda restringe à avaliação iconográfica da foto.¹⁸

No último plano da fotografia, mas precisamente a esquerda podemos observar, outra charola com a imagem de Bom Jesus, ao lado de uma arvores, mais ao fundo está a Igreja de Santo Antonio do Argiom. O que nos revela que esta foto foi tirada no centro do vilarejo, e assim podemos ver que não há muitas casas no entorno da Igreja, visto que ao lado direito prevalece a paisagem natural do campo. Não há sinal de fiação elétrica, tão pouco a presença de calçamento nas ruas, além do contorno da paisagem que mostra a presença de vegetação o que confirma tratar-se de um cenário rural. Para Cardoso e Mauad:

A imagem de elementos do passado ao historiador pela mensagem fotográfica, no entanto, não deveria limitar-se ao âmbito da comunicação pura e simples. É justamente, a busca da lógica de tais elementos num determinado tempo e espaço que faz com que adquiram um significado que tanto pode informar aspectos materiais, como foi indicado acima, quanto revelar uma imagem/monumento: aquilo que, no passado, a sociedade queria perenizar em si mesma para o futuro.¹⁹

Neste caso compreendermos assim que as imagens fotográficas ou de outra natureza, tem muito a nos dizer sobre uma época. Aspectos como: local, tema escolhido, pessoas, paisagens tempo, nos oferecem informações preciosas para que possamos entender a mensagem que o fotografo, captou em sua lente, no intuito de preservar a memória através de uma imagem que tem muito a dizer sobre a cultura de um povo. E, sobretudo, os usos e costumes mais freqüentes dos festejos a santo Antonio no povoado do Argoim e suas peculiaridades. Ao lermos essas mensagens não verbais, pensamos na realidade de um período que somente pode ser visitada pelo historiador, através dos códigos inseridos e legitimados, dentro das imagens, nas quais encontramos impressões a ser seguidas e analisadas como fontes historiográficas, nos proporcionado a realização desse trabalho.

¹Girley Oliveira dos Santos, Graduanda do curso de Licenciatura em História, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DEDC XIII e bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), e-mail: gi.cyber@hotmail.com.

² SANTANA, Eddy. *Rafael Jambeiro: Sua História seu Povo*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2009. (p.20)

³IBGE, *Rafael Jambeiro*.

Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/rafaeljambeiro.pdf> (Acessado em junho de 2010)

⁴ SANTOS, Girley Oliveira dos. Povo de reza e gente de festa. In; Anais do *III EBECULT*. 18 a 20 de abril de 2012. Cachoeira CAHL. UFRB. (p.02) Disponível em:
<http://www.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Povo-de-reza-e-gente-de-festa-.pdf>

⁵ Mapa disponível em: SANTANA, Eddy. *Rafael Jambeiro: Sua História seu Povo*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2009. (p.99)

⁶ SANTOS, Márcia Pereira dos. DUARTE, Teresinha Maria. A escrita hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos. *Fazendo gênero*. vol. 9. IN: Diáspora, diversidade, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. (p.52) Disponível em:
http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf (Acessado em 10/12/2011)

⁷Idem. (pp. 01-02)

⁸ JESUS, Elivaldo Souza de. *Gente de promessa, de reza e de romaria: Experiências devocionais da na ruralidade do recôncavo sul da Bahia (1940-1980)*. Salvador Bahia. Dissertação de Mestrado UFBA. 2006. (p.13)

⁹ROWER, Frei Basílio. *Santo Antonio: vida, milagres e culto*. Editora Vozes. Petrópolis, 2001,14ª ed. (p.141)

¹⁰KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª Ed. ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. (p.37)

¹¹MAUAD, Ana Maria de Souza Andrade. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. *Tempo*. Rio de Janeiro, vol 1, nº.2, 1996. (p.10) Disponível em:
http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf (Acessado em 04/10/2012)

¹²BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social*. São Paulo. Arteliê Editorial, 2003. 2ª ed. (p.18)

¹³Entrevista com a Sr.^a Maria Lúcia Sampaio de Oliveira. Também chamada de “Lucinha”, tem 64 anos. É moradora do Argoim. Ela trabalhou por muito tempo como auxiliar de enfermagem na unidade de Saúde do referido povoado. A interlocutora é membro da Igreja e frequentante assídua dos festejos a Santo Antonio. Entrevistada em sua residência em 22/07/2011.

¹⁴Idem.

¹⁵BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social*. São Paulo. Arteliê Editorial, 2003. 2ª ed. (p.53)

¹⁶CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do Cinema. In: *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). – Rio de Janeiro: Elsevier, 23ª Reimpressão. 1997. (p.408)

¹⁷Entrevista com o Sr.^o Renato Costa Rebouças, 80 anos, Morador do povoado Paraguaçu. Solteiro. Por muito tempo fora funcionário do cartório do Argoim. E durante este período fez parte da organização dos festejos de Santo Antonio do Argoim. Entrevistado em sua residência em 24/07/2011.

¹⁸CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do Cinema. In: *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). – Rio de Janeiro: Elsevier, 23ª Reimpressão. 1997. (p.406)

¹⁹Idem. (pp.406-407)